

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

CAMPUS OURO PRETO

**PROJETO DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO DA CAPELA
MORTUÁRIA E DO CEMITÉRIO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA
DAS MERCÊS E PERDÕES**

Aluna: LUCIANA HELENA LOPES

OURO PRETO – MINAS GERAIS
Outubro /2010

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO COMO
REQUISITO PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE TECNOLOGIA EM
CONSERVAÇÃO E RESTAURO**

Professora:
MARIA CRISTINA SIMÕES
Orientador:
ALEXANDRE MASCARENHAS
Orientanda:
Luciana Helena Lopes

OURO PRETO – MINAS GERAIS
Outubro /2010

SUMÁRIO (número de páginas em aberto, sujeito a alterações)

- JUSTIFICATIVA
- OBJETIVOS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

1. INTRODUÇÃO

2. BREVE HISTÓRIA DOS CEMITERIOS E CAPELA MORTUÁRIA NO BRASIL

3. CAPELA MORTUÁRIA DO CEMITÉRIO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS E PERDÕES

3.1 ANÁLISES CONTEXTUAIS

3.1.1 REFERENCIAL HISTÓRICO

- BREVE HISTÓRICO DE OURO PRETO
- BREVE HISTÓRICO DO BAIRRO
- BREVE HISTÓRICO DA IGREJA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS E PERDÕES

3.1.2 REFERENCIAL SÓCIO-CULTURAL

3.1.3 REFERENCIAL GEOGRÁFICO

3.1.4 REFERENCIAL URBANO E ARQUITETÔNICO

3.2 DESCRIÇÕES DO CEMITÉRIO E CAPELA MORTUÁRIA DA IGREJA DE NOSSA DAS MERCÊS E PERDÕES

- LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO (em fase de conclusão)

3.3 MAPEAMENTOS DE DANOS E DIAGNÓSTICO (etapa em curso)

3.4 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO (etapa em curso)

3.5 CADERNOS DE ENCARGOS (etapa em curso)

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

➤ **JUSTIFICATIVA**

Para justificar o projeto de restauro do Cemitério E Capela mortuária da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões, a finalidade principal será de devolver ao exemplar arquitetônico a sua integridade diante de sua importância no conjunto harmônico do seu entorno.

➤ **OBJETIVOS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

• **PRIMEIRA ETAPA**

Levantamento da pesquisa histórica: Essa etapa tem como objetivo a busca de informações relacionadas à edificação, sendo o estudo (contextual histórico, a evolução das edificações fúnebres no Brasil, Minas Gerais e Ouro Preto, uma breve observação sobre os elementos artísticos encontrados nestes locais, o sistema construtivo) e o local onde a edificação está inserida. Meios de informação como livros, textos, sites (como teses de mestrado de universidades federais e estaduais), documentos e relatos da comunidade e representantes da irmandade, serão de suma importância para essa pesquisa. Mapas, plantas, fotos e imagens também serão objetivos dessa pesquisa. A pesquisa em bibliotecas pública e particulares, Cúria Diocesana de Mariana, Secretarias Municipais e no IPHAN (Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional), contribuirão muito para essa etapa.

• **SEGUNDA ETAPA**

Levantamento contextual histórico: Dividido em quatro partes (Levantamento histórico, Sócio cultural e religioso, Geográfico e Urbano), será constituído por textos embasados nas pesquisas feitas, que têm como objetivo caracterizar a região em que a edificação se encontra e descrever a *historia*.

TERCEIRA ETAPA

Levantamento arquitetônico: O levantamento arquitetônico será realizado utilizando instrumentos de medição como trenas, metro, mangueira de nível, prumos, prancheta e outros, a fim de esboçar um croqui preliminar. Para maior facilidade nas medições, as mesmas serão sempre feitas por um grupo de três pessoas, uma fica no “zero da trena”, uma estica a trena e faz as leituras das medidas, e outra fica com a prancheta anotando-as no croqui.

No sentido de elaborar um projeto de restauro sem esquecer quaisquer detalhe, os desenhos no AutoCAD serão vencidos por etapas, sendo assim, depois de um dia de medição os croquis que já estiverem prontos serão passados para o AutoCAD com a finalidade de evitar o aglomerado de desenhos.

- **QUARTA ETAPA**

Mapeamento de danos: Este mapeamento será organizado por duas etapas, o mapeamento com o **levantamento gráfico**, onde sobre o levantamento arquitetônico desenham-se as patologias encontradas no local edificado, separar e sinalizar todas as fachadas, túmulos, mausoléus, também outros detalhes específicos e inserir as legendas para identificá-los.

O **levantamento fotográfico** tratará as fotos das patologias, focadas, deparadas e, juntamente nas pranchas, terão seus locais decorrentes indicados, pra gerar maior entendimento do local exato a ser enfatizado.

- **QUINTA ETAPA**

Preparação de material para a pré-banca: Elaborar uma apresentação, com o propósito de relatar todos os trabalhos já demonstrados até o atual momento, acomodar uma visão geral e adequar a direção exata das etapas planejadas, definidas e apresentadas.

- **SEXTA ETAPA**

Diagnóstico: Nesta etapa serão desenvolvidos textos relatando o estado de conservação da edificação, ressaltar as patologias presentes e caracterizá-las, tendo ciência e conhecimento óbvios de suas possíveis causas.

- **SETIMA ETAPA**

Proposta: A proposta será apresentada em duas partes; a primeira em desenhos no AutoCAD e a segunda parte composta de texto objetivo e claro. Essa etapa visa solucionar os problemas previamente relatados no diagnóstico. Todas as alterações que forem propostas serão previamente estudadas e embasadas em conhecimentos adquiridos no decorrer do curso.

Opiniões de outros profissionais com engenheiros e arquitetos serão consultadas caso exista a necessidade.

- **OITAVA ETAPA**

Caderno de encargos: O Caderno de encargos aborda uma parte do projeto que não possui variações em seu teor, entre um projeto e outro, por isso não será preciso a elaboração de todo um contexto, porém consiste em tornar mais prático e adequar um caderno de encargos já que atende, de forma satisfatória, as necessidades do projeto que estará sendo desenvolvido.

- **NONA ETAPA**

Finalização do trabalho: Formatar, padronizar os textos, unificar e aparelhar os mesmos, para que em seguida seja feita a sua impressão.

Elaboração da exposição que será lançada na banca final.

- **DECIMA ETAPA**

Entrega de todo o trabalho desenvolvido.

1. INTRODUÇÃO

O projeto de restauro do Cemitério e da Capela Mortuária da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões tem sua finalidade principal devolver ao exemplar arquitetônico a sua integridade diante de sua importância no conjunto harmônico do seu entorno.

Situados junto à fachada posterior da Igreja, constituído por sistema construtivo ainda preservado, no qual o estado de conservação é precário, requer intervenções de restauro imediatas, assim como o uso adequado de materiais e força de trabalho especializada. Observados (por uma prévia avaliação técnica, danos resultantes das intervenções anteriores, tornam-se óbvios e relevantes), traços do tempo e fatores influenciados por intempéries, unidos à falta de manutenção constante neste local.

Possui as lápides e jazigo no plano vertical e horizontal, também a Capela Mortuária que receberá neste projeto a avaliação acurada. Na entrada principal o portão de ferro fundido, identificado pela data de 1872, registra o provável período de construção do cemitério; a entrada principal é composta de fachada com elementos ornamentais em argamassa.

Assim, a concepção da restauração em meio ao sítio histórico da cidade de Ouro Preto- MG traz o encontro às evidentes necessidades observadas para a preservação de edificações que também fazem parte da evolução das cidades, da sociedade, tendo seu valor histórico, cultural e religioso. Neste local onde podem ser depositados os restos mortais carece a conservação adequada, a esta construção que resguarda o tempo e a história onde pode até se refletir o padrão de vida das famílias desta sociedade.

Com isto, provocar o preservar e conservar desta história cultural, social e religiosa é fundamental para manter sua integridade garantida.

2. BREVE HISTÓRICO DOS CEMITÉRIOS E CAPELAS MORTUÁRIAS NO BRASIL

Presente no cotidiano do ser humano, a morte, tem uma forma caracterizada de ser percebida e explanada em cada cultura e religião. Já os cemitérios e o cerimonial mortuário recebem influências culturais distintas, adquiridas com o tempo e os costumes. No Brasil, foi recebido dos colonizadores portugueses o costume de realizar os sepultamentos no interior das igrejas e conventos. Nestes locais eram enterrados apenas os cristãos, os escravos e pessoas de outras religiões ou falecidos por doenças contagiosas eram sepultados em locais indevidos, fora da cidade. Nos caixões, o defunto era envolvido numa mortalha e transportado na padiola, sem prazo determinado, o defunto, Em casa, e assim sendo comum que os mortos espalhassem o mau cheiro no velório e mesmo depois de sepultado dentro da igreja, atrair vetores de doenças para as igrejas. Os mortuários representavam naquela ocasião um ritual de nivelar a sociedade e sendo assim à morte era uma das poucas chances de colocar a igualdade entre todos. Viver mal, mas morrer bem era o refrão. As pessoas de baixa renda exauriam poupanças ou entrava numa congregação para ser inumado com decência e ter uma existência melhor no firmamento. Os ricos freqüentemente completavam a hora da morte um momento de reafirmar a nobreza social ao realizar sepultamentos extraordinários.

Com o crescimento da população nas cidades, o interior dos templos não oferecia lugar suficiente para a efetivação de todos os sepultamentos, contudo a região que cercava as igrejas começou a receber os novos sepultamentos. O terreno fixado nas proximidades das imagens alocadas no campo-santo consistiu em valores altos e explanavam o poder financeiro do indivíduo sepultado. Ao mesmo tempo acreditava-se numa vida melhor após a morte, quando o quando local de descanso eterno fosse próximo de uma imagem e os preços dos terrenos comercializados pela igreja fossem de elevado preço. A construção de mortuários públicos no século XIX foi uma novidade urbana recente legada da França e amparada pelos doutores sanitaristas da época. Era a decorrência do aparecimento da cidade industrial, que abreviou a urbanização de forma impulsiva. Os cemitérios permitiam às classes provocar vanglória nas lápides sepulcrais das igrejas, e então, dar início os primeiros cemitérios e os grandes mausoléus, com o objetivo único de apontar a disposição do destaque econômico, social e político dos seus ocupantes. A morte agora a contemplação. E o cemitério passa a ser um lugar para demonstrações de força e domínio. As classes influentes exibiam toda sua importância e causavam com vigor a sua marca.

No século XX, os cemitérios estilo parque aparecem e priorizam a uniformização e a paisagem arborizada no lugar dos mausoléus e capelas familiares monumentais. Outro fator que leva a presença cada vez menor de túmulos enormes é o alto custo dos materiais como o mármore, ferro e bronze.

3. CAPELA MORTUÁRIA DO CEMITÉRIO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS E PERDÕES

A metodologia para projeto de restauro da Capela mortuária do cemitério levará em consideração inicial seu estado de conservação que torna o uso religioso e funéreo indevidos, o que visa o retorno das atividades para o local.

Será mantido todo o sistema construtivo predominante, através de uma proposta de intervenção especificada para cada um de seus setores, conforme as necessidades requeridas para sua preservação, já que se trata de uma edificação religiosa e espaço destinado a jazigos, lapides sepulturas, que requerem conservação constante.

A partir de todo levantamento arquitetônico e fotográfico, pode-se enfim, diagnosticar de forma precisa para este uso, levando em consideração a necessidade de materiais similares e compatíveis com os ora utilizados.

3.1 ANÁLISE CONTEXTUAL

➤ BREVE HISTÓRICO DE OURO PRETO

Ouro Preto, é reconhecida como maior perímetro urbano construído em arquitetura colonial no interior do país. Com seu casario, suas edificações religiosas, ruas, ladeiras e equipamentos urbanos que atravessam séculos de existência, este conjunto arquitetônico do Barroco, o mais expressivo, representa a expressão colonial portuguesa. A Vila Rica de Ouro Preto nasce com a descoberta do ouro e teve sua primeira missa cerimonial realizada em 1698 pelo padre João de Faria Fialho.

As primitivas construções deste antigo arraial tem os elementos construtivos para sua base , os materiais extraídos da própria região, como a pedra, o barro, a palha, o couro, a madeira e o metal. Além das residencias que formam todo este casario colonial, em sinal de devoção cristã foram erguidas as pequenas capelas e,

posteriormente, as igrejas e matrizes. O crescimento na área rural se deu em função da prática agrícola da época, que teve início com as necessidades de serem exercidas outras atividades além do extrativismo mineral. Com a produção dos produtos colhidos na terra, a população existente na região assumiu sua própria subsistência. Com esta expansão rural as casas coloniais são erguidas por toda parte, formando os distritos, que hoje são no total de treze. A indústria firmou seu momento próspero na construção da fábrica de ferro do prata, no então distrito de Congonhas do Campo, hoje emancipado de Ouro Preto, compreendendo o equilíbrio da economia local no início do século XIX. O município assume sua relevância cultural com a criação de escolas de nível superior e, em meados do século XIX, ao fim deste a cidade perde seu papel administrativo deixando de ser a capital do Estado, o que de certa forma esvazia o local e mantém todo este conjunto arquitetônico, artístico, religioso e natural, preservado.

Em meados do século XX os modernistas redescobrem nossa arte e provocam a valorização de nosso acervo aberto, quase esquecido e perdido, gerando a importância de preservar e conservar o nosso patrimônio, já constituído através de valiosas obras, e a vocação artística, despertando em todos este valor vivo. Assim sendo, fora criada a comarca de Vila Rica em 08 de Julho de 1711, através da Carta Imperial de 20 de Março de 1823 foi designada Ouro Preto. Pelo Decreto Lei de número 22.928 de 12 de Julho de 1933, tornou-se monumento nacional, e, em 1980, passa a ser monumento mundial cultural da humanidade.

A conservação de sua imagem como patrimônio mundial, o uso dinâmico do turismo, o movimento urbano e a diversidade nas atividades locais são sinais distintos e notáveis para manter-se preservada, aguçando cada vez mais o sabor forte de nossa história.

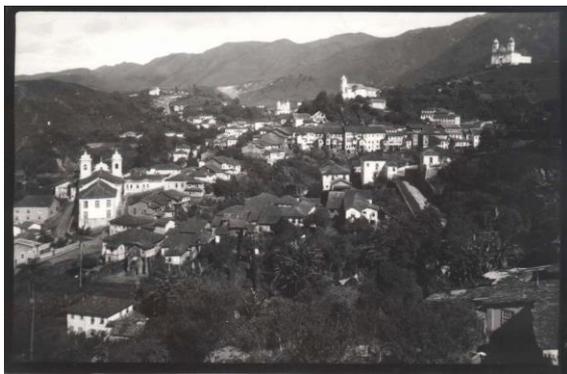


Foto: Luiz Fontana
Cidade Antes

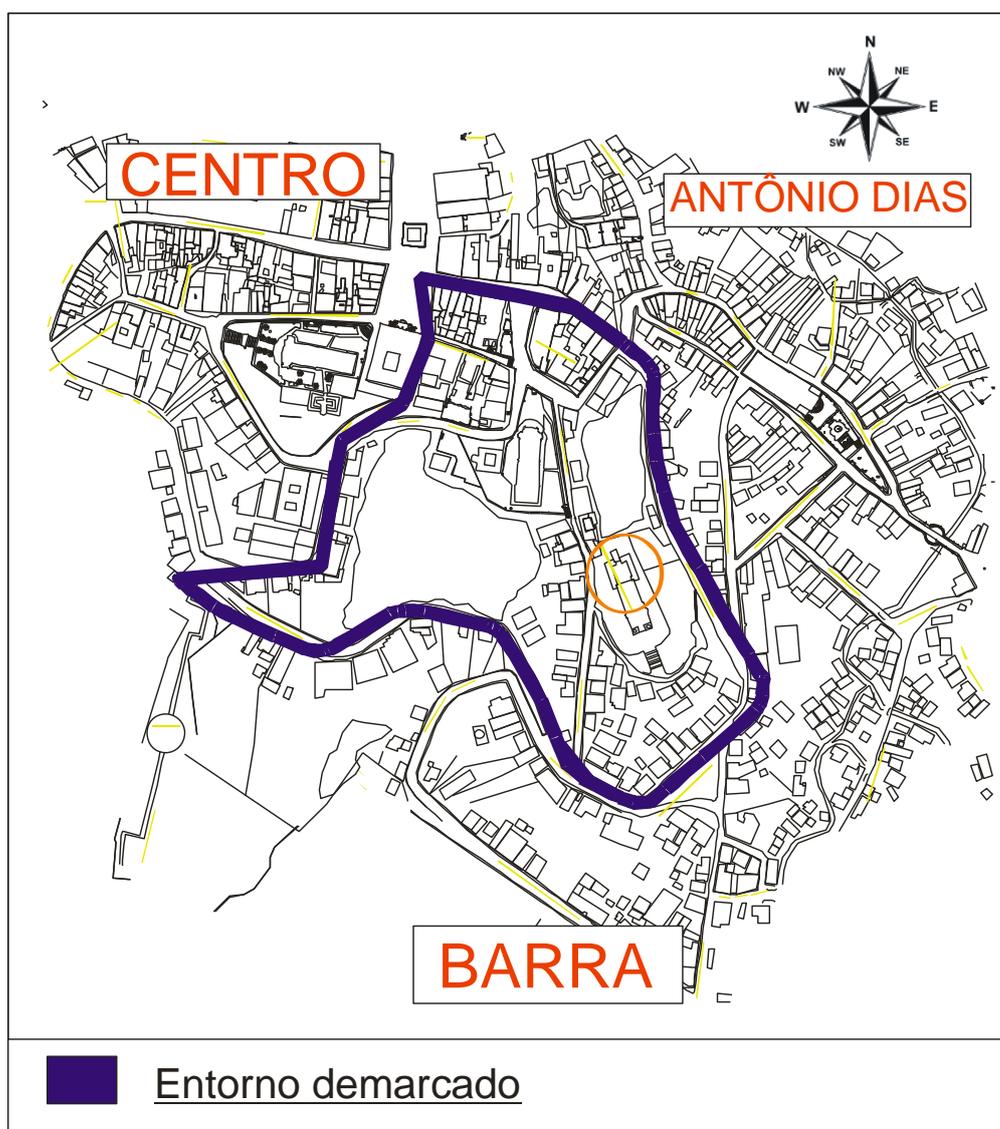


Foto: Luciana Lopes - 2008
Cidade Hoje

➤ BREVE HISTÓRICO DO BAIRRO

A localização central desta região que colhe a preservação e conservação, como também o palco de vários acontecimentos ocorridos no passado e na história do país. Tendo como logradouros adjacentes os bairros de Antônio Dias e Barra. Nesta região central sua grande maioria abriga o aglomerado de residências que mantém preservado as fachadas e a tipologia colonial ressaltando formas e cores deste casario, que, dividindo o espaço físico entre as residências mistas, o comércio, instituições públicas, áreas de lazer e outros.

. Mapa 01:



➤ **BREVE HISTÓRICO DA IGREJA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS E PERDÕES**

A primeira Capela do Bom Jesus dos Perdões foi arquitetada no ano de 1742, pelo Padre José Fernandes Leite, seu capelão e administrante até o ano de 1760. Sendo doada à Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, acrescido assim a denominação de Capela de Nossa Senhora das Mercês e do Bom Jesus dos Perdões, depois simplificada para Capela de Nossa Senhora das Mercês e Perdões.

A Irmandade das Mercês e Perdões era influente em Ouro Preto desde o ano de 1743, fundada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. Constituída de homens pretos e crioulos poderiam ingressar também os brancos, tendo em sua maioria pessoas humildes e simples como Irmãos comuns, os artífices, forros, soldados. Porém somente os Irmãos de Mesa agraciados por sua influencia na sociedade participavam da parte administrativa da ordem. Para abrigar a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, admite a sua nova função para os cultos religiosos, a Capela do Bom Jesus dos Perdões recebeu obras e ajustes ocorridos entre os anos 1769-1772 e, desta forma, coube a Antônio Francisco Lisboa a encomenda do risco para a nova Capela-Mor, os nichos Rétabulo-Mor, duas esculturas de vestir e a supervisão da obra. As obras foram concluídas por Amaro José Nunes. No início do século XIX a Igreja sofreu mudanças radicais, como a substituição das paredes de taipa por alvenaria de pedra, exceto as torres da fachada e, provisoriamente, uma única torre em taipa ao lado direito da edificação. A segunda torre foi edificada em meado do século, por meio de verbas do Governo Provincial. Na decoração interna, há curiosas pinturas a aparentar janelas com bandeiras e almofadadas nas paredes laterais, cuja origem poderia estar ligada à mudança de rumo do edifício, conferida em princípios do século XIX. Sua elevação a brio de Ordem Terceira tem data de 1823

O registro de tombamento individual, conforme Processo nº 75- T - Inscrição nº 242 - Livro de Belas Artes, fls.42, em data de 08 de setembro de 1939 SPHAN cometeu a restauração geral na edificação, que incluiu a substituição de todo o encaibramento do telhado e de algumas peças na parte do Arco-Cruzeiro e Sacristia, além de caiação e pintura externa. Outras pequenas obras foram desempenhadas no transcurso deste século, para sua conservação.



Fotos: Luciana Lopes - 2010

➤ BREVE HISTÓRICO DO CEMITÉRIO E CAPELA MORTUÁRIA

Os diversos cemitérios brasileiros foram erguidos por ordens, irmandades religiosas e associações leigas no período do ciclo do ouro em Minas Gerais, na primeira metade do século XIX, principalmente nas terceira e quartas décadas. A grande maioria é caracterizada por uma arquitetura de monobloco e alvenaria, com uma única portada. A planta quadrangular ou pentagonal regular e as paredes estruturais com espessura expressiva, para a construção de carneiros, nos beirais alongados para o centro formam os claustros ou galerias acrescidas. O chão é reservado às campas e nos alpendres enfileiram urnas ossarias.

Nos cemitérios das cidades mineiras, erguidos fora do corpo da Igreja em um terreno contínuo ou próximo, compactados, permite elementos decorativos, artísticos ou alegóricos. Estes cemitérios diferem-se das outras cidades brasileiras por receberem uma maior interferência na paisagem, as capelas mortuárias são influenciadas por sólidos castelos, fortificações medievais e renascentistas de um tempo aquém a sua data.

3.1.2 REFERENCIAL SÓCIO-CULTURAL

Na região central, constituída principalmente por comércio, o movimento turístico é intenso, sendo atendidas por inúmeras pousadas e hotéis, restaurantes, pontos comerciais, ateliers, locais de entretenimento cultural.

O turismo acarreta à cidade Ouro Preto uma população densa, representativa em busca da arte por toda sua extensão, provindos de varias regiões, para valorizar o conhecimento sobre o referencial histórico artístico cultural das edificações religiosas, nos museus que acolhem grande acervo de obras de artistas consagrados.

A população local é aproximada dos 60.000 habitantes (dados colhidos no site do IBGE), parte destes nativos, estudantes e tantos outros que fixaram residência, mantendo assim objetivos comuns e profissionais.

Elementos materiais de maior porte: A Igrejas de São Francisco de Assis, Nossa Senhora do Carmo, Museu da Inconfidência, Museu do Oratório. Assim como, galerias de arte, escolas estaduais, municipais e particulares, chafarizes, passos, largos como áreas de lazer, hotéis, pousadas e casas comerciais.



Feira de artesanato



Praça Tiradentes



Rua Cláudio Manuel



Rua das Mercês

Fotos: Luciana Lopes - 2010

Elementos imateriais que se destacam na região: celebrações religiosas e populares como o Domingo de Ramos a Queima do Judas, o Centenário de Nossa Senhora das Dores. Destaque para os tapetes de serragem colorida nas procissões de Domingo de Páscoa e Corpus Christi, a Folia de Reis e o Congado.



Tapetes da Semana Santa –

Foto: Luciana Lopes - 2009

3.1.3 REFERENCIAL GEOGRÁFICO

Caracterizado por relevo de colinas e montanhas. Na região central da cidade, nas ruas e vielas principais oscilam os declives e aclives de maneira expressiva em toda a cidade. A Praça Tiradentes e o Largo do Coimbra correspondem aos espaços mais planos da cidade. O clima predominante é tropical resultante das regiões montanhas. A temperatura média em todo ano registra de 19' a 27' graus Celsius, seu índice pluviométrico e de 1500 mm. As chuvas ocorrem em maior quantidade entre os meses de Dezembro e Março. Sua topografia aliada às variações climáticas é predominante por toda cidade.

Há predominância solar por toda região, porém a topografia influencia os raios solares em alguns logradouros, bloqueados e desprovidos da luz solar, refletem a ação de intempéries. Ventos amenos e agradáveis nos meses predominantemente quentes e frios são rudes nos outros períodos do ano. Por situar uma região adensada não há predominância maior dos jardins e quintais residenciais, há presença de maior arborização nas localidades mais voltadas entre as Ruas Xavier da Veiga e Rua Costa Senna, com influência de mata nativa de grande porte e mata ciliar nas áreas dos parques públicos que também compreendem outras áreas centrais da cidade, sendo vasta a vegetação e a biodiversidade, ressaltas pela criação do Horto Botânico, que não interfere na estrutura urbana, visa à valorização de todo patrimônio natural onde abriga dezenas de árvores com médio e grande porte, gera a variedade espécies botânico.

A rede hídrica tem certa complexidade na captação de água pluvial, consisti com o declive no relevo da cidade, que colabora com o escoamento em direção aos dois maiores córregos da cidade.

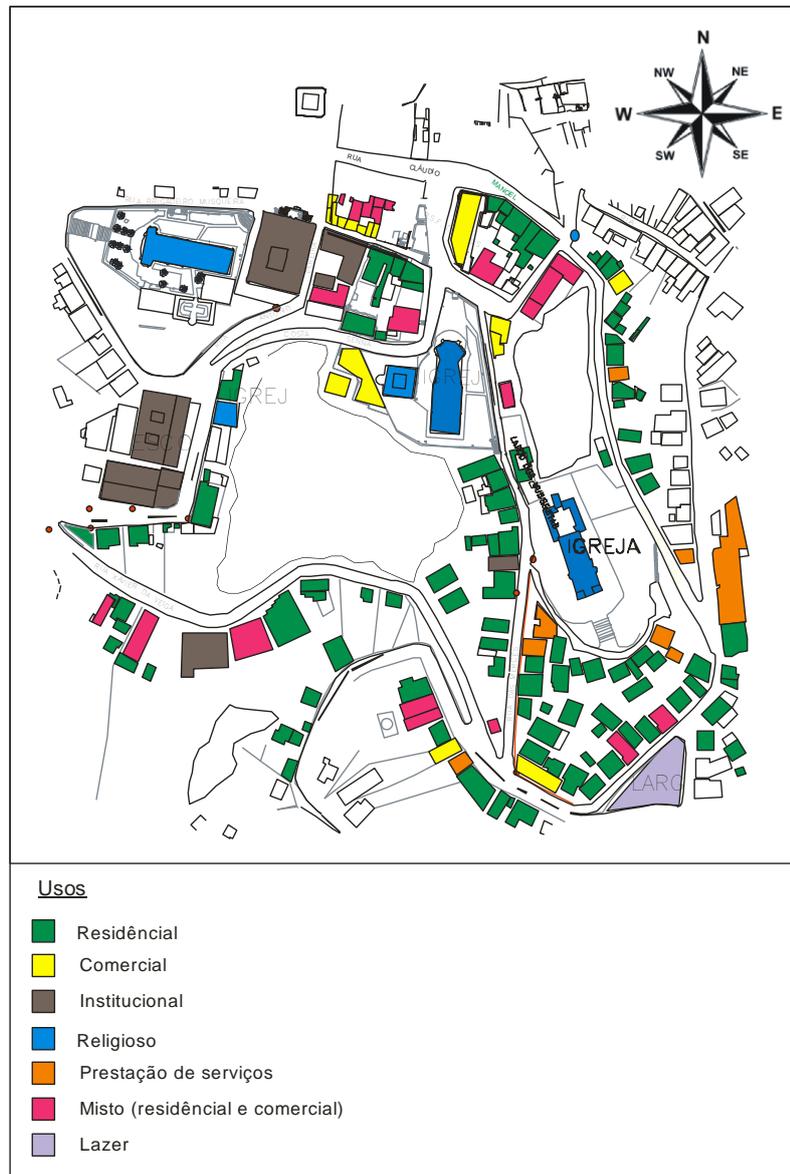


Elementos Geográficos

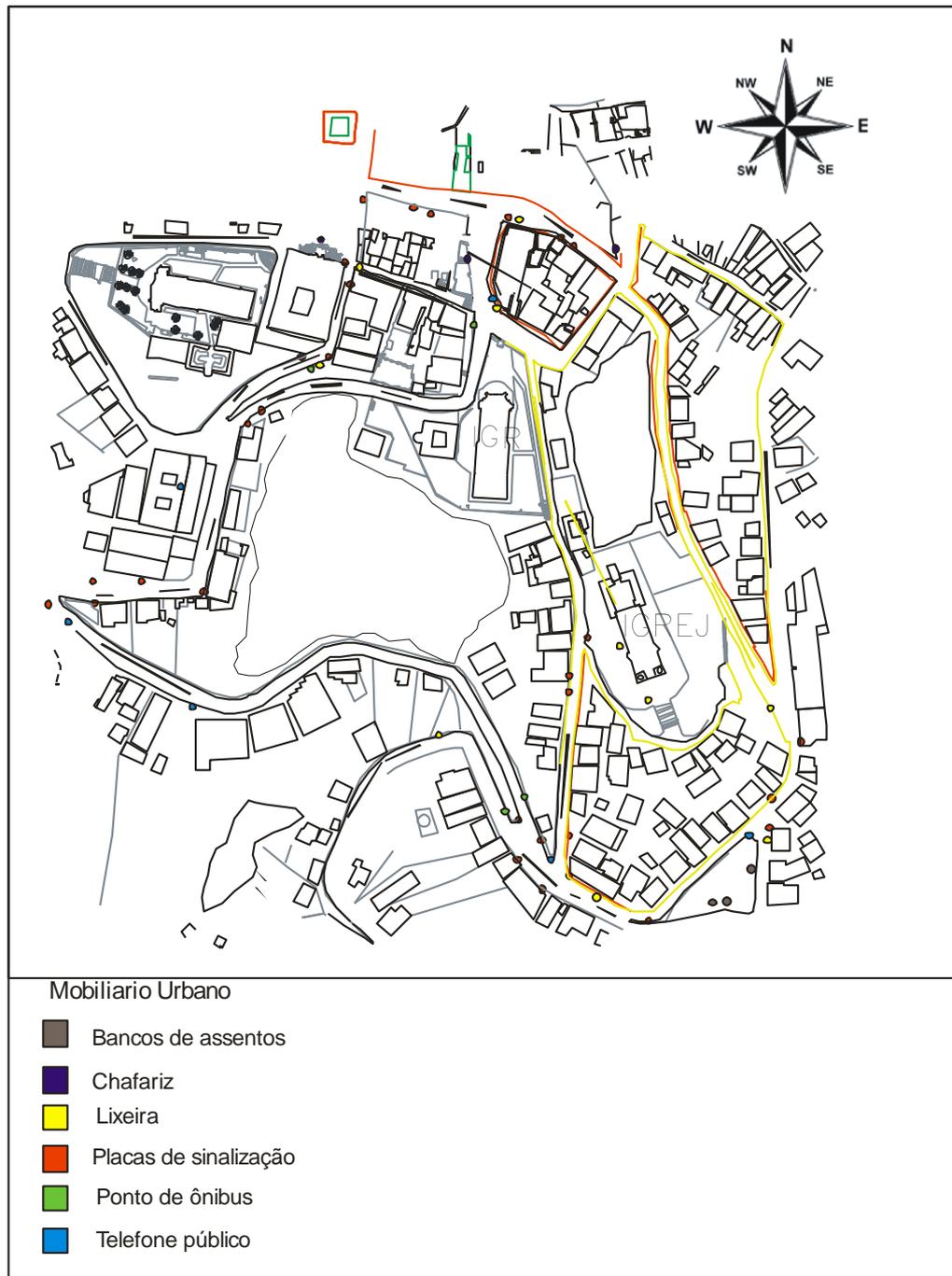
-  Areas verdes
-  Incidência solar

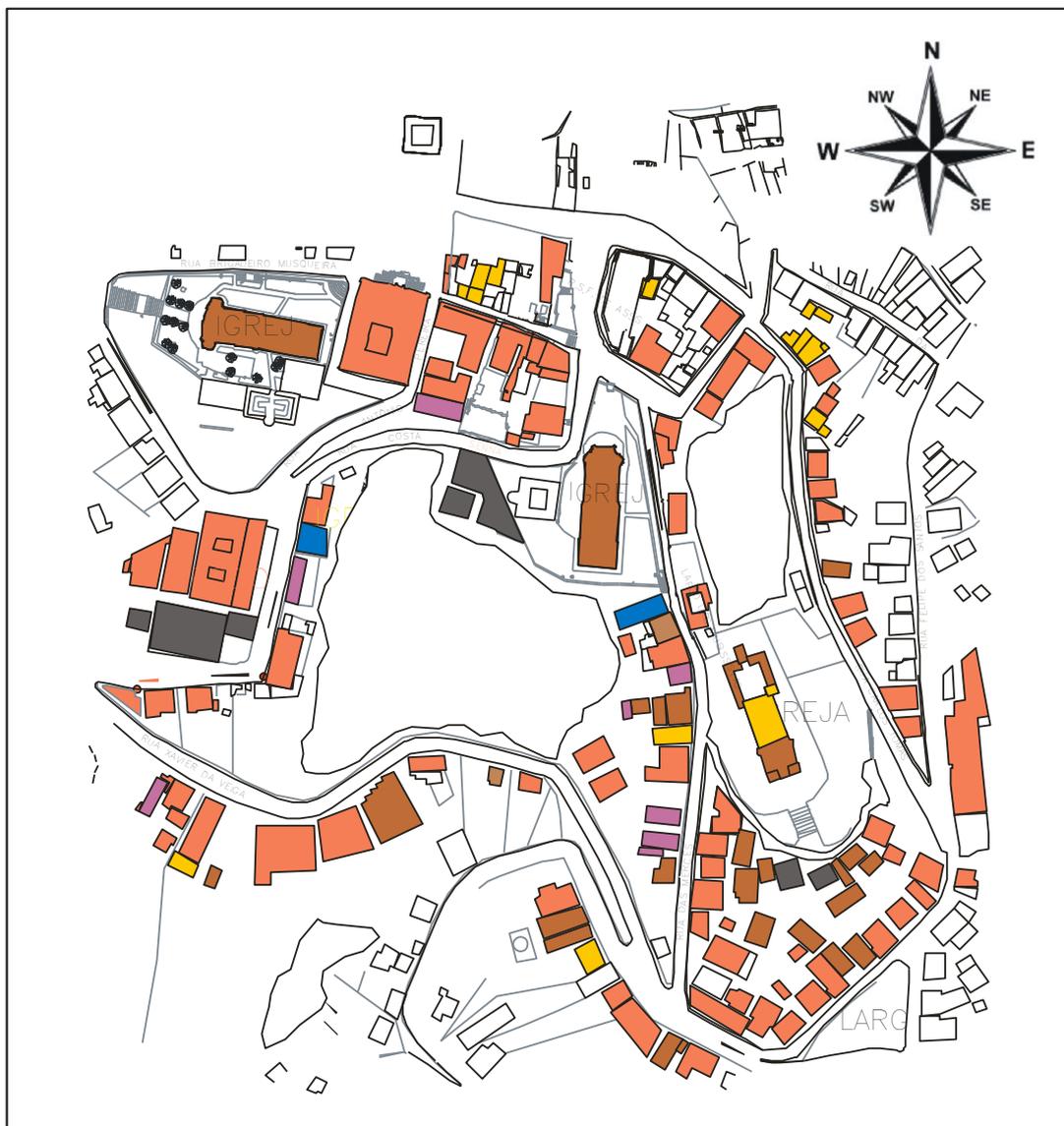
3.1.4 REFERENCIAL URBANO E ARQUITETÔNICO

Originalmente os lotes eram em grandes dimensões, com uma vasta área verde ao fundo. Posteriormente lotes menores foram aparecendo, gerando uma diversidade no aspecto tipológico do uso do solo. Os espaços de cheios e vazios permitem conceder o equilíbrio da localidade, sendo notado principalmente pela presença do espaço de área verde onde corresponde ao percentual considerável em relação à área edificada. Construções em pedra, barro, madeira, alvenaria, telhas cerâmicas curvas, paredes de pau-a-pique ou adobe revestidas com argamassa de cal, pintadas na cor branca e esquadrias de madeira pintadas em cores fortes, marcam a maioria das casas.



Com os serviços básicos de uso geral, o mobiliário público urbano em diversos locais deste centro urbano, atribui a necessidade primaria e atendimento eficiente a população, que utiliza estes bens comuns, como o serviço de coleta de detritos orgânicos e inorgânicos, telefonia publica, o acesso ao transporte em pontos fixos, placas informativas da vias publicas e outros mais.





Coberturas e Telhados

- Laje
- Telha de amianto
- Telha colônia:**
- Uma água
- Duas águas
- Três águas
- Quatro ou mais águas

TRAÇADO VIÁRIO

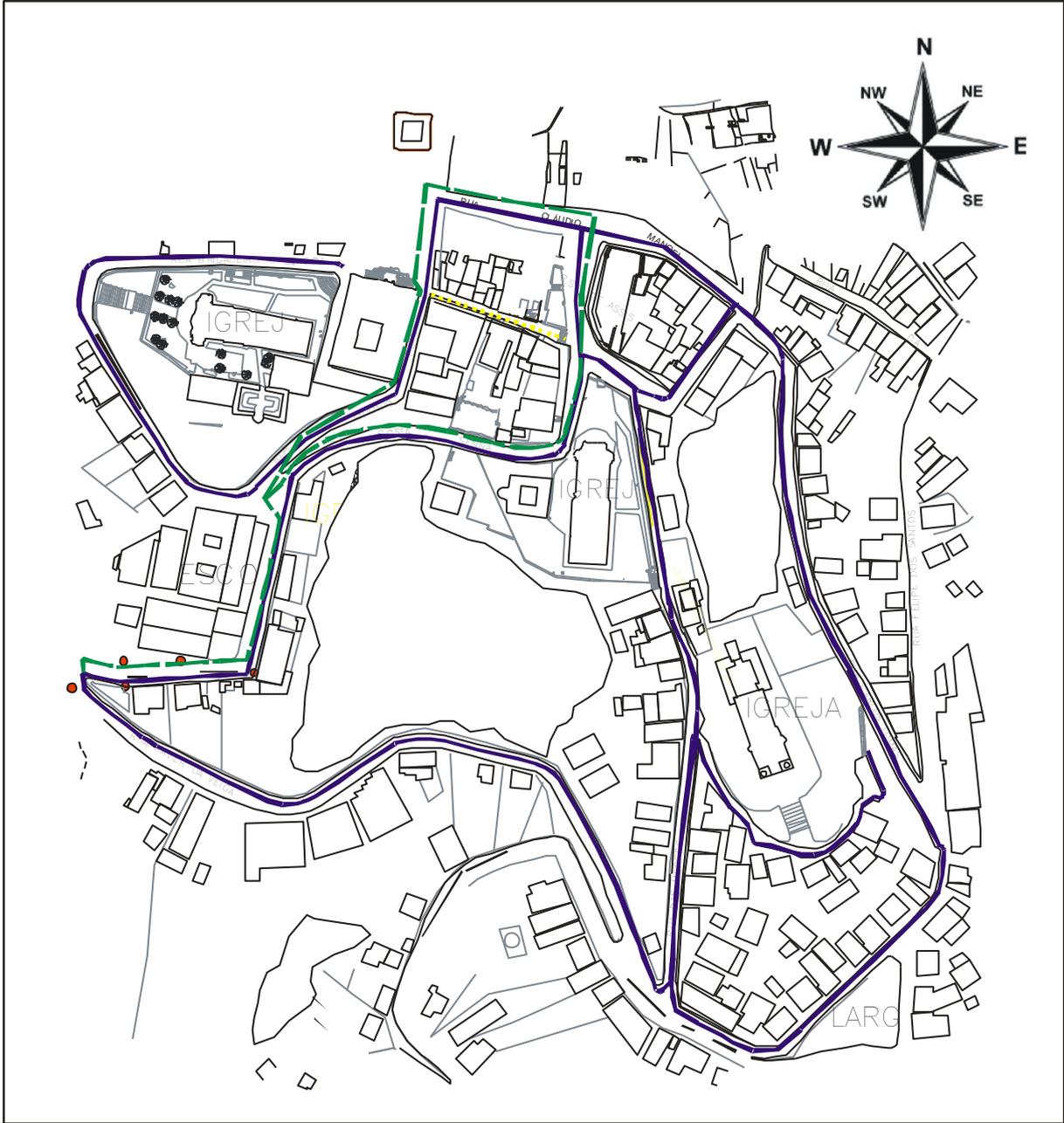
O traçado viário, com casas alinhadas em testada, juntas ao final das calçadas públicas, provocados pelos vazios, sendo estes aglomerados de residências a diferenciação para o casario colonial em suas fachadas de variados pavimentos e entelhamento de duas ou mais águas. Está predominância porem, faz parte do sistema construtivo como o pau-a-pique, a telha canal e paredes estruturais. Nas fachadas principais o branco é cor de referência e nas esquadrias, os tons *coloniais*, as paredes estruturais são argamassada com areia e cal. O número de pavimentos corresponde a dois, três ou quatro andares.

O estreitamento das ruas provoca um trânsito cauteloso, de mão única para os veículos de pequeno e médio porte, pois o de maior porte não é permitido transitar neste local.

Os espaços de cheios e vazios permitem conceder o equilíbrio da localidade, sendo notado principalmente pela presença do espaço preservado do Horto Botânico, onde corresponde a um percentual considerável em relação à área edificada.



Foto aérea - Fonte Google mapas



Traçado Viário

-  Automóveis
-  Ônibus
-  Pedestre

3.2 DESCRIÇÕES DO CEMITÉRIO E CAPELA MORTUÁRIA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS E PERDÕES

No Cemitério da Igreja de Nossa Senhora das Mercês e Perdões aparece a data de 1872 no portão da fachada principal, construído pelos mesmos moldes dos de São Francisco de Assis e Carmo de Ouro Preto, parece indicar a época da sua conclusão, No interior do campo santo há a Capela Mortuária delineada, segue o estilo colonial, com telhado em duas águas, paredes com sistema construtivo tradicional preservado, mesa mortuária em alvenaria, seteiras nas fachadas laterais, ornamentos em argamassa mista na fachada principal e pequeno óculo central, com fechamento do vão notado apenas uma folha da porta almofadada e resquícios de dobradiças demonstrando a remoção segunda folha, com sobreverga em cimalha de argamassa mista, ornamentações executados para finalizar o desenho desta cimalha, laterais com elementos fitomorfos e nas laterais da fachada frontal duas lápides de porte médio e adornadas. Na área do alpendre tem como acabamento o forro de esteira em toda extensão interna da cobertura. Na área descampada, as sepulturas são em sua maioria espaçadas por aproximadamente 40 centímetros, num total 64 unidades. Com lápides espaçadas no alpendre ocupando as fachadas laterais num aglomerado vertical e proximidades da Capela mortuária, os carneiros recebem um número mais acentuado.

As datas de sepulcro são variadas e pode-se notar nos jazigos, onde são depositados os ossuários, conforme a demanda de óbitos, porém existem datas anteriores à sua construção, provinda de exumação.

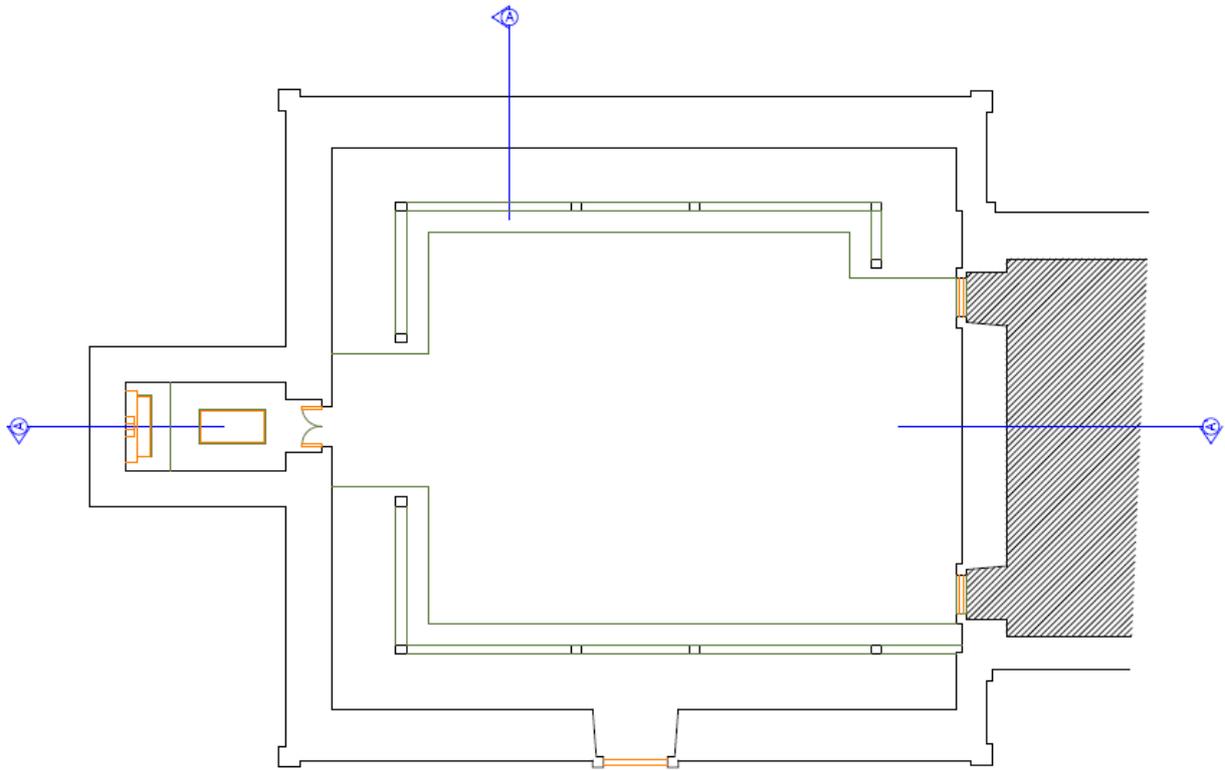
A Senhora Ifigênia Sacramento Ferreira é a encarregada há aproximados 28 anos por zelar, conservar, organizar e cuidar da manutenção do cemitério.



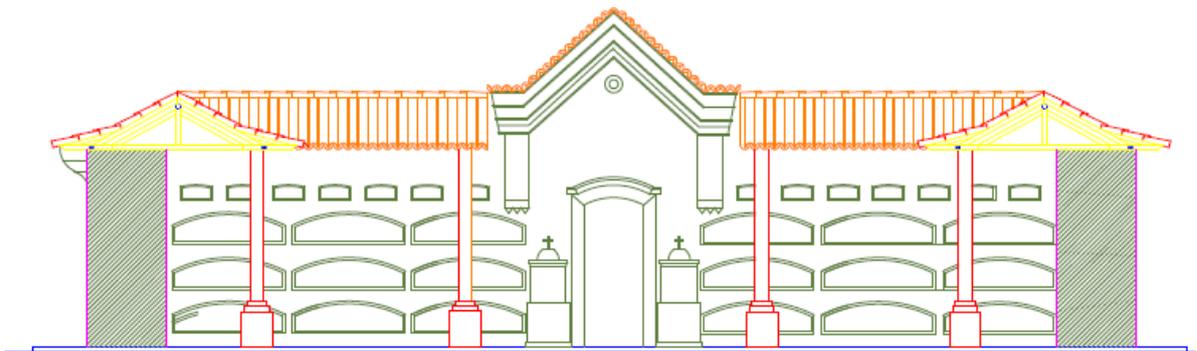
Fotos: Luciana Lopes - 2010

➤ LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO

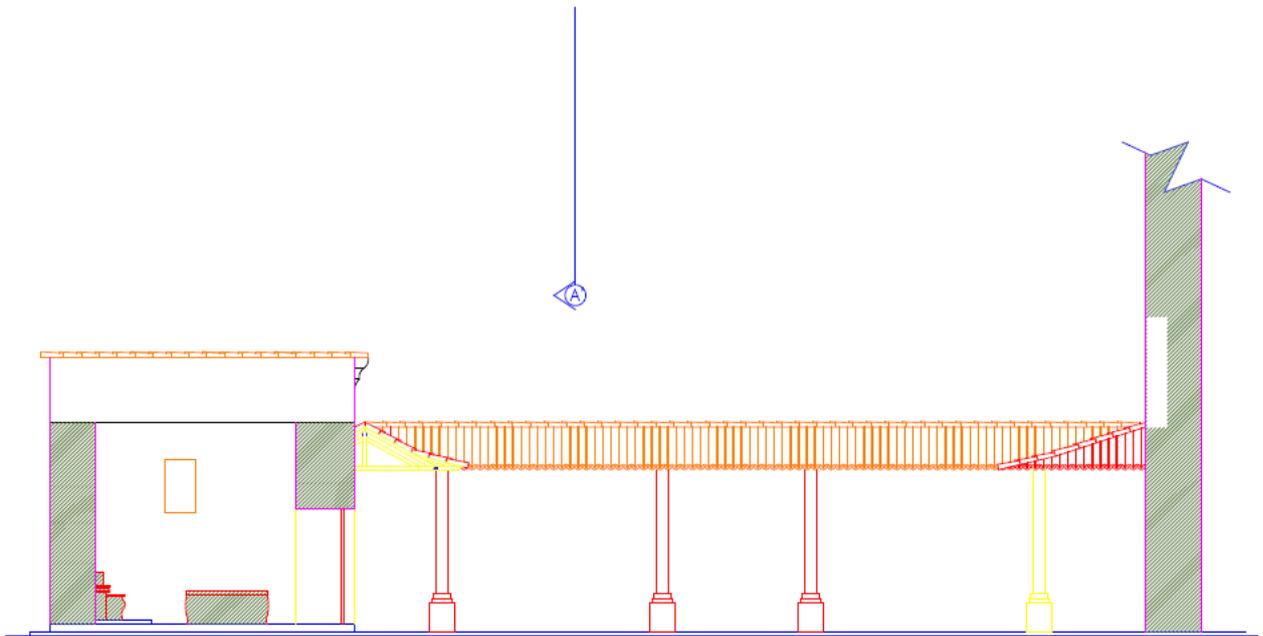
➤ PLANTA BAIXA DA CAPELA MORTUARIA



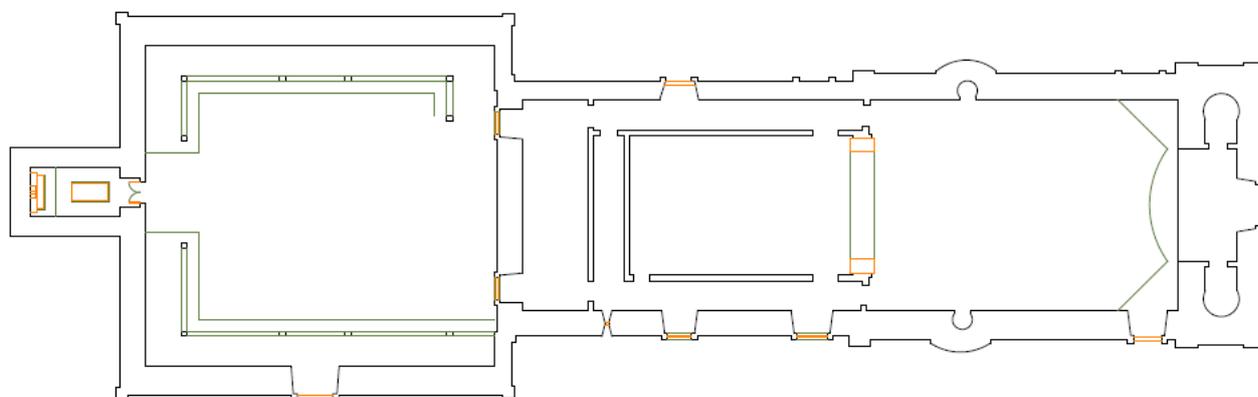
➤ FACHADA FRONTAL DA CAPELA MORTUARIA



➤ FACHADA LATERAL ESQUERDA DO CEMITERIO



➤ PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DO CEMITERIO E
CAPELA MORTUAÇÃO JUNTO A IGREJA



4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos Cemitérios**. Rio de Janeiro: 1ªed. Ed. MEC, 1972.

Site:

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em:

HTTP: [WWW.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br) Acesso em 01de Setembro de 2010.